

RESENHA DO LIVRO: QUEM TEM MEDO DO GÊNERO?¹

Eloir Gorges²
Mareli Eliane Graupe³

RESUMO: A resenha do livro *Quem tem medo do gênero?* da pesquisadora/escritora Judith Butler com tradução brasileira pela Heci Regina Candiani apresenta uma análise crítica sobre os significados que foram atribuídos ao conceito de gênero nas últimas três décadas. Judith Butler aborda o conceito de liberdade como coletivo e inclusivo, afirmando a interdependência entre os seres humanos e com o meio ambiente, reafirmando dessa forma que o livro é uma resistência unificada contra as paixões fascistas e autoritárias, que se manifestam no ataque ao gênero. Butler problematiza as desigualdades de gênero e as narrativas que apresentam gênero como uma forma “fantasmática” (2024, p. 20) dotado de forças destrutivas, elaborado para intensificar o pânico moral e disseminado pelos movimentos neoconservadores, pelas instituições religiosas, organizações e governos em favor de seus próprios interesses. A leitura deste livro, é fundamental para a ampliação de discussões sobre a igualdade social, o respeito as diferenças de gênero e o desenvolvimento de atos de resistência.

Palavras-chave: Gênero. Fantasmático. Resistências. Discursos de ódio.

Judith Butler propõe em seu livro *Quem tem medo do gênero?*, lançado no Brasil em 2024 pela Editora Boitempo, reflexões sobre os ataques que a escritora tem recebido ao longo dos últimos anos, especialmente a partir da experiência vivenciada por Butler no Brasil em 2017. O texto é uma análise crítica sobre os significados que foram atribuídos ao conceito de gênero nas últimas três décadas. Os discursos antigênero operam como dispositivos ideológicos que produzem e legitimam narrativas voltadas à naturalização das desigualdades de gênero, ao serem mobilizados por determinados grupos neoconservadores. Tais discursos, ancorados em

¹ BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* / Judith Butler; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2024. 272 p.

² Graduação em Filosofia - Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarão, Brasil - Possui graduação em Filosofia pela Universidade - Graduação em Sociologia. Centro Universitário Leonardo da Vinci, UNIASSELVI, Indaial, Brasil do Sul de Santa Catarina (2006) e graduação em Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2015). Aperfeiçoamento em PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA EM FILOSOFIA EQUIVALENTE A LICEN. Centro Universitário Claretiano, CEUCLAR, Brasil. Especialização em PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU - Especialização em Fundamentos e Organização Curriculares. No momento realizando PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS APLICADAS À EDUCAÇÃO/1 - TECNOLOGIAS DIGITAIS APLICADAS Atualmente professor da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina. Em 2025 iniciando o curso de mestrado em Educação na Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), tendo como orientadora Mareli Eliane Graupe, a linha de pesquisa busca compreender: Processos Socioculturais em Educação.

³ Licenciada em Pedagogia (2001) e mestra em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (2004), doutora em Educação e Cultura pela Universidade de Osnabrueck, Alemanha (2010), revalidação UFSM (2010). Pós-doutora pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFSC (2011) e pós-doutora pelo Programa de Antropologia Social, UFSC (2012). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (20h) e do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde (20h) na Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC/SC). Coordena o grupo de pesquisa Gênero, Educação e Cidadania na América Latina (GECAL/UNIPLAC).

perspectivas essencialistas e biologizantes, contribuem para a reprodução de hierarquias historicamente construídas, obscurecendo os processos socioculturais e políticos que estruturam as assimetrias de poder entre os gêneros. Dessa forma, reforçam-se padrões normativos que sustentam a manutenção de privilégios e a exclusão de sujeitos que desafiam a ordem da heteronormatividade e fogem dos papéis ditos tradicionais de gênero.

O livro contém 272 páginas, contemplando a introdução, dez capítulos e a conclusão. Judith Butler, neste livro, prioriza e fomenta reflexões sobre as estratégias de resistências em defesa da igualdade de gênero e questiona: por que ter medo gênero? Qual é o real temor que está (im/ex)plícito na proibição da discussão de gênero? Butler apresenta algumas análises discursivas e práticas que desvelam o aumento das desigualdades de gênero, observando como as leis são utilizadas para instrumentalizar instituições públicas e fomentar o pânico moral em relação aos estudos de gênero em diversos países.

A leitura deste livro, é fundamental para a ampliação de discussões sobre a justiça social, o respeito as diferenças de gênero e o desenvolvimento de atos de resistência. Problematizar práticas de exclusão que perpassa gerações sem nenhum reparo legal, ou seja, possibilitar a criação de novas leis que atendem às individualidades em meio ao coletivo. Defende que é importante desenvolver práticas e discursos que rompam com o sentimento de ódio e preconceitos que recaem sobre as comunidades segregadas com base nas categorias: cor, raça, etnia, gênero, sexualidade, classe social, nacionalidade, geração, pessoas com necessidades físicas e cognitivas.

Para compreender as dinâmicas de poder exercidas por instituições religiosas, governamentais e não governamentais é importante reconhecer as narrativas, os interesses políticos e econômicos, os modos pelos quais essas instituições são mobilizadas para reforçar concepções tradicionais que produzem e legitimam desigualdades nas relações de gênero.

Judith Butler busca identificar as razões pelas quais os setores neoconservadores se apropriaram do termo “gênero” e o resignificaram sob a denominação de “ideologia de gênero”. Já na introdução, Butler apresenta uma provocação para que a/o leitor/a entenda como os instrumentos de registros burocráticos inseridos pelo capitalismo podem manipular a visão popular sobre a questão de gênero e identidade. Sob a perspectiva feminista, a autora faz uma análise das práticas desenvolvidas pelo governo de Trump por invalidar e erradicar os estudos de gênero. Constatou que essas ações, ao promoverem a visão heteronormativa e

ultraconservadora, alavancaram o discurso de ódio e a discriminação contra as mulheres e as minorias de gênero.

A cada capítulo, Judith Butler faz reflexões sobre como o conceito de “gênero” tem sido apresentado de forma “fantasmática” (2024, p. 20) dotado de forças destrutivas e elaborado para intensificar o pânico moral disseminado pelos movimentos neoconservadores, pelas instituições religiosas, organizações e governos utilizados em favor de seus próprios interesses. Dessa forma, “gênero” é investido de múltiplos significados atravessados por um moralismo alarmista, com o propósito de limitar as pessoas e direcionar seus temores e aversões contra grupos socialmente vulneráveis.

O primeiro capítulo, *O cenário Global*, Judith Butler descreve o percurso feminista e suas ações para mitigar a supremacia masculina. Os seus estudos visam mostrar como a ordem binária é um instrumento que garante o poder central das instituições que promovem o controle social. Evidencia que o objetivo é estabelecer e/ou manter a ordem do poder heteronormativo. Ela procura argumentar com reflexões contundentes qual é o objetivo de enfatizar a segregação de pequenas comunidades dentro da sociedade macro.

“*Ponto de vista do Vaticano*”, capítulo seguinte, faz uma análise do discurso antigênero proferido pelos papas, evidenciando como as narrativas produzidas por uma instituição de alcance e autoridade globais podem exercer influência significativa sobre a vida de pessoas pertencentes a comunidades minoritárias.

Segundo Judith Butler, a igreja assemelha os teóricos de gênero à figura de Herodes. As/os pesquisadoras/es de gêneros são denominadas/os de “teóricos herodianos” (2024, p. 17, 49) porque na visão da igreja, elas/es querem romper com a criação Divina, sendo comparadas/os às armas e bombas nucleares. O Vaticano, tem como objetivo garantir que a única ideologia aceita seja a cristã e a ordem heteronormativa e, desta forma busca demonizar a pesquisa de gênero, mantendo seu controle social e político a nível global.

No capítulo três, *Ataques contemporâneos ao gênero nos Estados Unidos*, aborda os impactos do discurso sobre a “ideologia de gênero” e como estes discursos foram fortalecidos pelas práticas governamentais contra as comunidades LGBTQIA+, negras, crianças, imigrantes e pessoas que lutam para proteger o direito à vida para todas as pessoas. Na análise, Butler evidencia que os ataques destinados a essa comunidade, não se caracterizam como ações isoladas, mas como parte de uma tática de grupos de direita para garantir os princípios da manutenção do poder de um grupo patriarcal que rege a ordem mundial.

A palavra gênero, segundo Judith Butler, é símbolo de igualdade de direitos à vida, à educação, à saúde e ao casamento entre as pessoas LGBTQIA+. Situação que no mundo tem sido vista como ameaça a ordem da matriz da heterossexualidade, onde o eco parte de espaços sagrados em que as pessoas entendem como lugar para encontrar a esperança e o direito à vida.

No capítulo quatro, *Trump, sexo e a Suprema Corte*, Butler faz uma pesquisa mais detalhada sobre a realidade dos Estados Unidos sob a presidência de Trump. (No momento da escrita desta resenha o mesmo se encontra novamente na presidência dos Estados Unidos). Segundo a análise, o Trump utilizou o conceito de gênero para conquistar mais eleitoras/es durante a sua campanha política. A articulação do governo em 2020, solicitou ao Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA para utilizar o conceito de "sexo" com base na genitália observada no nascimento (homem ou mulher), alinhando-o à visão binária de sexo. O objetivo desta articulação era conseguir o apoio da comunidade cristã tradicional e conservadora. Trump usou como fachada a ciência e potencializou, na comunidade LGBTQIA+, o medo e a insegurança social, alinhado ao discurso antigênero promovido pelo Vaticano.

“*Feministas radicais transexcludentes e as matérias de sexo britânicas*” e “*E Quanto ao sexo?*” são os capítulos seguintes, que estão conectados pela discussão do conceito de sexo. A autora, valoriza os avanços dos movimentos feministas, mas em seu texto procura analisar a visão da palavra “sexo” usada em alguns movimentos feministas radicais e descreve as “falhas” no conceito utilizado pelas feministas radicais. Judith Butler aprofunda a discussão sobre as duas premissas apresentadas pelas feministas antigênero: a primeira, que o “sexo” estaria sendo negado pela teoria de gênero e que as teóricas recusam as diferenças biológicas (Butler, 2024, p. 183); a outra, “embora o gênero possa ser um dos dispositivos mediante os quais se estabelece o sexo, é importante compreender os legados raciais e coloniais da distinção sexo/gênero para narrar as condições sob as quais surgiu o dimorfismo idealizado”. (Butler, 2024, p. 200).

Nos capítulos sete e oito, *De que gênero você é?* e *Natureza/Cultura: rumo à construção conjunta* a autora problematiza o uso exclusivo de fatores biológicos, como a testosterona, para normatizar a diferença entre homens e mulheres. Enquanto a teoria de gênero tem uma preocupação humanizada com as origens do intersexo, a ciência e a medicina, em nome da "ordem social", realizaram um genocídio de crianças e adultos intersexo por meio de cirurgias de designação de sexo. Nessa investigação salienta que mesmo que o gênero possa ser um

elemento que defina o sexo, precisamos compreender as concepções históricas raciais e coloniais da diferença entre sexo/gênero, para então conhecer o ideia de dimorfismo idealizado.

No capítulo nove, *Os legados racial e colonial do dimorfismo de gênero*, Judith Butler apresenta uma retrospectiva da sua tese sobre gênero sob a perspectiva da exploração racial realizada pelos colonizadores. Problematiza a prática do dimorfismo com base no termo sexo para fazer criar a teoria do binarismo. A autora apresenta as várias formas de como a palavra *gender*, tem ou ganha novos significados de acordo com a língua vernácula de cada país. Ressalta-se, contudo, que a noção de gênero deve expressar o reconhecimento da diversidade das formas de relação que extrapolam o “modelo heteronormativo”, e essas outras formas de vivenciar o gênero devem ser respeitadas pela sociedade de modo amplo, a fim de evitar a consolidação de contextos sociais marcados pelo julgamento, pelo medo e pela produção de discursos de ódio contra as pessoa LGBTQIANP+. Ela, ainda reitera que o posicionamento e as práticas de gênero têm como foco proteger as vidas *queer*, trans e intersexo contra as violências produzidas pela estrutura patriarcal e heteronormativa.

Por fim, o capítulo dez, *Termos estrangeiros ou a inferência da tradução*, Judith Butler faz uma reflexão sobre o paradoxo linguístico universal, exemplificando como língua é usada para a dominação das pequenas comunidades e como ela pode ser transformada em favor da desmitificação do conceito de “ideologia de gênero”. A autora, analisa a imersão cultural de línguas das estruturas imperiais (o inglês) no campo educacional, porque são mecanismos que ampliam o poder global dessas nações. A exemplo disso, temos o debate sobre a linguagem neutra no Brasil.

O ataque ao gênero é uma tática para desviar a atenção das forças destrutivas – como o capitalismo, o racismo sistêmico e o autoritarismo – e para restaurar ordens patriarcais. O “gênero” é transformado em um fantasma que ameaça a identidade e a segurança, mobilizando lógicas conspiratórias e alimentando paixões fascistas. Essa abordagem, que incita o ódio e a exclusão, é equiparada a um sadismo da justiça moral, onde a destruição de uns é justificada como a salvação do mundo. A guerra declarada ao gênero é uma estratégia para desviar o foco das inseguranças e dos deslocamentos causados pelo neoliberalismo, especialmente em países pós-socialistas onde a retirada de serviços públicos ampliou a importância da família como substituta do Estado social.

Na conclusão, Judith Butler propõe que a política de gênero se alie à crítica do capitalismo, do racismo e do colonialismo, e que as lutas por liberdades e direitos de gênero

sejam entendidas como liberdades coletivas. A liberdade, nesse contexto, deve ser coletiva e inclusiva, afirmando a interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente, reafirmando dessa forma que o livro *Quem tem medo de Gênero?* é uma resistência unificada contra as paixões fascistas e autoritárias, que se manifestam no ataque ao gênero. É urgente e necessário desmascarar a manipulação do medo e construir um imaginário poderoso e regenerativo que garanta a vida em suas diversas formas, promovendo a solidariedade, a igualdade e a liberdade em um mundo habitável e democrático.

Sobre a autora

Judith Butler, nascida em 1956, filósofa americana, pensadora contemporânea e conhecida pelo seu trabalho influente em estudos de gênero, filosofia, epistemologia feminista, teoria queer e teoria política contemporânea. Judith Butler escreveu muitas obras, e citaremos algumas: *Gender Trouble: feminism and the Subversion of Identity* (1990)⁴ - Butler, discute a ideia de gênero como um ato performativo. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of “Sex”* (1993)⁵ - nesta obra ela problematiza a construção social do corpo e do gênero. *Excitable Speech: A Politics of the Performative* (1996)⁶ - explora as sutilezas do discurso e seu impacto político. *Undoing Gender* (2004)⁷ - rompe com a ideia de gênero associado à natureza e a biologia e o compreende como resultado de um processo social, cultural, histórico e político. *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence* (2004)⁸ - aborda a noção de precariedade da vida humana como uma questão política e amplia a reflexão sobre o luto, a violência, corpo, a vulnerabilidade e a ética. Na obra *Parting Ways: Jewishness and the Critique of Zionism* (2012)⁹ a autora debate a conexão entre identidade judaica e a discordância ao sionismo.

6

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024. 272 p. Recurso digital.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁴Em português: Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade (2003).

⁵ Em português: Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo” (2019).

⁶Em português: Discurso de ódio: uma política do performativo: (2021).

⁷Em português: Desfazendo gênero (2022).

⁸ Em português: Vida precária: os poderes do luto e da violência (2019).

⁹ Em português: Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo (2017).

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1 Edições; Crocodilo Edições, 2019.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. *Desfazendo gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. *Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.